

# CREPÚSCULOS DE UTOPIAS: BRASIL E AMÉRICA LATINA EM FERNANDO GABEIRA

*Dário Borim*

*Universidade de Massachusetts Dartmouth*

No momento da Anistia [lei brasileira de 28 de agosto, 1979], conjuntamente com a ruína das religiões, havia o debacle das grandes explicações políticas do mundo, sobretudo da grande religião laica que era o marxismo. E surgiam reivindicações e lutas que o marxismo, por suas características, não podia dar conta delas: liberdade do corpo, a questão das mulheres, do sexo, do racismo. Tudo isso ganhava força em razão de duas componentes novas: o indivíduo e o presente, o aqui-e-agora. Não havia mais o futuro que a religião dava—o reino dos céus. E muito menos o fim da exploração do homem pelo homem—o paraíso socialista. Vinte e cinco anos depois, percebeu-se que a própria idéia do desenvolvimento do corpo, de todas as aspirações individuais, passou a ser também um mito.

Fernando Gabeira em entrevista à *Folha de São Paulo*<sup>1</sup>

## *Introdução*

Em seu mais recente artigo para a revista *The Nation*, Terry Eagleton argumenta que a tarefa do profeta não é compartilhar dúvidas sobre o futuro, mas, sim, deixar claro que se não dermos um jeito no presente, o futuro poderá ser de grande infortúnio ou, talvez, nem existir para nós (20). Para o pesquisador da Universidade de Manchester, utopia não é “perfeição impossível,” um conceito que considera “uma tediosa cobrança dos pensadores de direita”<sup>2</sup> (20). É muito menos aquele espírito, que na percepção popular, pertence aos fanáticos obcecados com idéias tão irrelevantes quanto impossíveis. Utopia, para Eagleton, é praticamente o oposto: “uma ordem social que tolera a natureza inevitavelmente parcial, finita e defeituosa das questões humanas” (20).

Ruth Levitas, que magistralmente explora as vastas contradições do conteúdo, forma, e função de múltiplas utopias preconizadas ao longo da história, convence-nos de que o conceito se tornou, com o tempo, um acirrado campo de batalha intelectual.<sup>3</sup> A própria origem etimológica do termo

“utopia,” que se remete ao título do livro de Thomas More, *Utopia* (publicado em latim em 1516), é deliberada e comicamente ambígua, escapando à sede de precisão e verdade de cientistas e filósofos. No termo há a elisão dos vocábulos gregos *eutopia*, o lugar bom, e *outopia*, lugar nenhum (Levitas 2-3). O papel das utopias no desenrolar dos séculos vai muito além do território do humor e da ficção, é claro. Entre milhares de autores hoje voltados para o estudo das utopias, Levitas sem dúvida registra sua síntese com cautela, clareza e contundência. Para ela a utopia é um repositório do desejo e, por isso, a transformação da realidade e a realização da utopia dependem de esperança e da ação voluntariosa, em vez da criação ilusória dos fatos que se desejaríamos reais (199). É importante como a autora salienta as diferentes funções da esperança e a natureza da utopia. Enquanto que a utopia poderá manter viva a percepção de que o aqui-e-agora é insatisfatório e contribuir para a crença de que essa realidade pode ser outra, a fonte de esperança não é a própria utopia. É, sim, o desejo de construirmos coletivamente um mundo de paz, justiça, cooperação e igualdade, para o qual a esperança “deve ter um agente de transformação” (199-200). O grande problema político é encontrar esse agente e fomentar a esperança, para que sonhos se tornem metas e se realizem (200).

Paulo Freire, indelével marco na história mundial da luta por consciência e justiça sócio-econômica (traduzido para mais de 40 idiomas, sem ser um autor *best-seller*), avança premissas semelhantes às de Levitas e Eagleton ao afirmar que o pensamento profético, que também é uma forma de utopia, “implica na *denúncia* de como estamos vivendo e na *anúncia* de como poderemos viver” (105). Parte da beleza do pensamento profético é que ele anuncia, sem fatalismo ou determinismo, não necessariamente o que virá, mas, sim, o que poderá ou não acontecer. Em genuínas profecias, arremata o educador brasileiro, “o futuro não é inexorável; ele é problemático” (105).

Meses antes de morrer ao fim de um século que, na sua segunda metade, presenciou o embate das utopias de diversos apelos populares e políticos, destacando-se o Marxismo e

## *Crepúsculos de Utopias*

o Neoliberalismo, na economia; a Teologia da Libertação, o conservadorismo do Vaticano<sup>4</sup> e o protestantismo evangélico de transe, na religião; além do liberalismo sexual, do feminismo, da revolução sexual e da emancipação dos direitos das minorias étnicas e sexuais, Freire tinha um grito de alerta: “A morte dos sonhos e utopias, uma conseqüente extensão da morte da história, é a causa da imobilização da história dentro do esquema de redução do futuro à permanência do presente” (110). O tipo de discurso segundo o qual o desemprego em escala mundial é somente uma marca inevitável dos nossos tempos (ou a pobreza no Brasil é uma pena, mas nada pode ser feito) reforça o caráter fatalista do pensamento descompromissado e alienado diante da realidade e do futuro. “Nenhuma realidade é o que é porque ela deve ser assim. Ela é o que é porque fortes interesses têm o poder de fazê-la como tal,” conclui Freire (110).

Em consonância com estas perspectivas, as utopias que se descortinam neste estudo giram em torno de uma sonhada unidade e coesão identitárias dos latino-americanos, da vitória da esquerda armada sobre os ditadores de direita, da erradicação do sistema capitalista, e da construção de sociedades mais justas e igualitárias através do socialismo. Tais utopias e aquelas que as subjazem historicamente não são discutidas por alimentarem, necessariamente, projetos inexecutáveis que visem edificar sociedades perfeitas. São vistas como contraditórias propostas e metas de transformação econômica, política ou social de apenas alguns setores ou componentes da vida de grupos populacionais, sejam eles os de uma região, país, continente, ou, até mesmo, do nosso planeta. Ao serem sonhadas e disseminadas, tais propostas e metas se tornam utopias ao adquirirem importância e confiança na sua capacidade de sanar os males e promover as virtudes de uma sociedade que se quer muito superior, no futuro, à que é no presente. Portanto voltadas tanto para o passado quanto para o presente, elementos cruciais na elaboração dos sonhos do futuro, duas perguntas orientam este ensaio. Quais eventos e processos históricos têm afetado com maior contundência as relações entre brasileiros e

hispano-americanos? Como se inserem neste panorama a narrativa e as idéias de Fernando Gabeira em *O crepúsculo do macho*?

Após uma revisão macro-historiográfica dos períodos colonial e contemporâneo, defendem-se duas teses contíguas. Uma tese é a de que há um vácuo de utopia no tocante à união dos latino-americanos, uma condição paralela a vários fatores políticos e econômicos que vêm contribuindo para o secular e perverso estado de desconhecimento e desarticulação sociopolítica entre brasileiros e hispano-americanos. Entre tais fatores se destacam as adversidades de outras utopias criadas e defendidas pelos líderes e poderosos de cada parte do Continente. Entre elas estão o regime monárquico em face das repúblicas americanas até o fim do século XIX, a militarização dos poderes locais e nacionais, o incipiente imperialismo brasileiro, e a política externa latino-americana para com as metrópoles ibéricas e as nações protagonistas da Guerra Fria. A segunda tese refere-se às utopias sobre as quais o ex-guerrilheiro brasileiro se define como latino-americano. Embora elas fossem as mesmas que tinham produzido um vigoroso senso de identidade comum entre latino-americanos de expressão portuguesa e castelhana nas décadas de 1960 e 1970, principalmente através do sonhado expurgo do capitalismo e da implementação do socialismo, a fé que Gabeira depositava em tais utopias e em tal identidade continental se desgasta por sucessivas desilusões nos planos militar, ideológico, comportamental e pessoal. Em *O crepúsculo do macho* a luz destas utopias gradualmente se escurece, convertendo-se elas em distopias que não surgem em um vácuo de esperanças. Ainda que se atenha a alguns resquícios dos seus próprios estereótipos acerca de brasilidade e latino-americanidade, o intelectual passa a se ocupar com as dimensões locais e globais da cultura e da política, desafios estes bem além das fronteiras nacionais e continentais, tais como a ecologia, o feminismo, e os direitos humanos. Estas preocupações anunciam o raiar de novas utopias no final da década de 70, as quais Gabeira, em novo

## *Crepúsculos de Utopias*

momento de desilusão (25 anos mais tarde), chamaria de “mito.”

### *Independência e militarização*

Motivado pelas utopias do expansionismo territorial, econômico e religioso, o imperialismo das potências européias ao fim da Idade Média estabeleceu os primórdios da animosidade e dos conflitos armados entre os sul-americanos do leste e os do oeste. Segundo o Tratado de Tordesilhas assinado por espanhóis e portugueses em 1494, um meridiano que se estende entre os atuais estados do Pará e Santa Catarina então demarcava as terras possuídas por cada uma das nações ibéricas. Entretanto, os portugueses teriam, por dois séculos e meio, aspirações e invasões territoriais muito além da sua respectiva metade do continente.

Em 1680, por exemplo, a Colônia de Sacramento oferecia aos lusitanos um entreposto comercial para o contrabando de escravos, bebida, e fumo na região do rio Prata (portanto, bem a oeste de tais fronteiras papais). Nem mesmo o Tratado de Madri, de 1750, que outorgava a bacia do Prata aos espanhóis e, a bacia amazônica, aos portugueses, acalmou os ânimos e cobiças.<sup>5</sup> Sob a política expansionista de Dom João VI, houve muitos conflitos na região. Finalmente os seus súditos invadiram a Banda Oriental do Rio Prata em 1816. Aquela área na fronteira ao sul do Brasil, hoje ocupada pelo Uruguai, permaneceria anexada ao Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarve até 1828.

Aproximadamente meio século antes da avalanche separatista que tornou independentes quase todos os países latino-americanos, a Europa realizava a primeira fase da Revolução Industrial e promovia tanto a ascensão da burguesia como a dos novos ideais liberais. O historiador José Ribeiro Júnior ressalta que líderes latino-americanos de ambos os lados do Continente, como os venezuelanos Francisco de Miranda (1750-1816) e Simón Bolívar (1783-1830), o chileno Don Bernardo O’Higgins (1776-1823), e o brasileiro José Bonifácio de Andrade e Silva<sup>6</sup> (1763-1838)

estiveram estudando ou viajando pela Europa e, com muita empolgação, “tomaram contato com essas transformações” (Ribeiro Júnior 147).

O sucesso da Independência dos Estados Unidos e a força ideológica da Revolução Francesa foram de grande impacto sobre tanto o manifesto pró-independência de Miranda quanto as revoltas contra os impostos em Minas Gerais.<sup>7</sup> Não se pode dizer, porém, que tivesse havido uma tomada de consciência coletiva, explica Ribeiro Júnior, nem mesmo das elites insatisfeitas com as metrópoles (148). Os projetos de independência, como o de Miranda, não encontravam “ressonância razoável” na América Ibérica, pois eram expressões de “um pensamento político hispano-americano pouco original” (148). Tais projetos de liberação do mundo hispano-americano eram cópias das novas idéias iluministas que circulavam na Europa (Ribeiro Júnior 148).

### *Regimes em disritmia*

Quando a independência política das nações latino-americanas se concretiza, a questão do regime político torna-se um dos grandes motivos de diferença e discórdia ideológica entre a América hispânica e o Brasil. Diante da iminente invasão napoleônica a corte portuguesa emigra e estabelece-se no Rio de Janeiro, dando início a um período ímpar na história da América Latina: um império europeu cuja capital é uma cidade “americana.” Em um brilhante ensaio intitulado “Why Was Brazil Different?” Kenneth Maxwell mostra como o Brasil tinha se tornado econômica e politicamente emancipado entre 1808 e 1820, enquanto servia de centro do Império Luso-Brasileiro (*Naked Tropics* 155).

O país se tornou “independente” em 1822 somente depois do fracasso da sua experiência como “centro imperial.” O historiador então cita o “Manifesto da nação portuguesa às soberanias e povos da Europa” emitido pelos rebeldes da cidade do Porto em 1820,<sup>8</sup> que se apresenta bem como quaisquer outras declarações de independência de regimes coloniais: “a única diferença era que esse manifesto vinha de rebeldes de uma cidade Européia, e não de uma cidade

## *Crepúsculos de Utopias*

portuária colonial do outro lado do Atlântico” (Maxwell 155).

Durante o império, a situação brasileira contrastava-se enormemente com a das ex-colônias espanholas. Fragmentadas após as lutas sangrentas da independência, elas foram segundo, Maria Helena Capelato, “perpassadas por fortes conflitos entre poderes locais e centralistas” (289). Para os brasileiros, essas dificuldades eram a expressão da “anarquia e desordem” do regime republicano (Capelato 289). As lideranças políticas na América Hispânica pareciam seguir de perto os métodos imperialistas adotados por Napoleão Bonaparte ao decretar o Bloqueio Continental da Europa: “O que a diplomacia não resolveu foi resolvido pelas armas” (Ribeiro Júnior 149).

A América Hispânica como um todo deixava a fase do respeito ao monarca para aquela do temor ao caudilho. Lá, os governos centrais, “que se impuseram pela força e não tinham o prestígio de um rei, causavam em grande parte as insurreições desse período, agravando os interesses regionais, resultando no retalhamento do mundo colonial espanhol” (Ribeiro Júnior 155). É de grande relevância o fato de que naquelas décadas seguintes à conclusão dos processos de separação entre as colônias americanas e o governo de Madri a violência se tornou parte do dia a dia e a busca de ordem social exigiu uma intensa e crescente militarização das novas nações.

Fernando Henrique Cardoso e Enzo Faletto Verné, sociólogos do Brasil e Chile, respectivamente, mostram como o problema dessa militarização e da emergência dos caudilhos afetou muitos países. Durante os anos de guerra os exércitos eram móveis e, em alguns países, operavam até fora do território nacional. Com o intento de preservar a ordem local, os poderosos de cada região organizavam suas próprias milícias. Os caudilhos dessas milícias então expressavam suas demandas e protestos que eram muitas vezes direcionados contra a autoridade do exército regular e serviam de base até para declarações de autonomia regional (36).

Apesar da instabilidade política interna, principalmente na Argentina, Chile e da grande Colômbia (incluindo terras hoje ocupadas pelo Equador, Venezuela e Panamá), os hispano-americanos viviam e promoviam a utopia do republicanismo com o orgulho de estar imitando um suposto regime moderno de governo, o modelo norte-americano de superação da “barbárie,” herança da civilização ibérica (Capelato 289). Os hispânicos criticavam, pois, durante todo o século XIX, as instituições retrógradas do regime imperial e escravocrata. As rivalidades ficavam explícitas em duas imagens antagônicas: a de um representante do “Antigo Regime” e a de “republicuetas” frágeis, incapazes de fazer frente ao ‘Gigante’ brasileiro” (Capelato 290). Em síntese, conclui a historiadora da USP, forja-se no século XIX uma utopia de “um Brasil fora da América Latina,” uma identidade nacional baseada na valorização das singularidades e superioridade do País em relação à “outra” América (290).

É importante lembrar, entretanto, que havia no Continente americano o pavor da possibilidade de tumultos sociais tão sangrentos e catastróficos como a revolta dos escravos do Haiti em 1792, uma segunda revolução “americana,” que para Maxwell, “não parecera menos importante que a primeira” (87). Ademais, o impacto republicano exercido pela Revolução Francesa enfraquecera na própria Europa. Na Era Vitoriana, que se iniciara em 1837, o “grande surto industrial operado sob a égide monárquica foi fator de prestígio do regime e a nação britânica foi modelo para o Brasil” (Ribeiro Júnior 159). Aliás, a sobrevivência da monarquia na América do Sul era de vital interesse do governo e comerciantes ingleses, como mostra muito bem Maxwell (154-5). O Brasil imperial permaneceria isolado do resto da América, resume Ribeiro Júnior, “não só na forma de governo, mas economicamente também, dando as costas para os países latino-americanos e voltado para o oceano Atlântico” (156-7).

## *Crepúsculos de Utopias*

### *Uma ex-colônia imperialista nos trópicos*

Por quase um século, o Brasil independente de Portugal manteria uma política expansionista similar àquela dos seus colonizadores, o que levou Simón Bolívar a excluir o império brasileiro de uma confederação integrada pelas nações recém-libertas. Em carta datada de 1825 afirma: “o Brasil limita-se com todos os nossos Estados; por conseguinte, tem muitas facilidades para nos fazer a guerra com sucesso.”<sup>9</sup> Não se podem excluir desse panorama de desafetos políticos os interesses britânicos. Depois da queda de Napoleão a América Ibérica tinha adquirido grande importância para o comércio inglês, e Londres agora apoiava a “desintegração de um império para formar o seu próprio” (Ribeiro Júnior 156).

De fato, em 1864 o governo liberal do Rio de Janeiro enfrenta um severo arrocho financeiro imposto pelos investidores ingleses. Como válvula de escape para o orgulho nacional ferido, o exército brasileiro invade novamente o Uruguai. Atemorizado, logo o Paraguai declara guerra a ambos (invasor e invadido) e à Argentina. Assunção, porém, cai sob as bombas da Tríplice Aliança em 1869. Não se sabe ao certo o número total de fatalidades, mas, segundo Thomas E. Skidmore, estima-se que tenham morrido três quartos da população masculina do Paraguai, inclusive seu presidente, Solano Lopez (62). Curiosamente a idéia de proclamar a república no Brasil fortificou-se exatamente após a Guerra da Tríplice Aliança. Ao contrário do que ocorria nas repúblicas sul-americanas da época, o militar brasileiro não tinha uma posição de destaque, mas veio a adquiri-la sob o estado de guerra e a influência da filosofia positivista, que “deu uma concepção mais atuante ao papel histórico da classe militar” (Ribeiro Júnior 159).

No mapa geopolítico das potências mundiais, porém, os tempos eram outros. A Inglaterra não conseguia aplicar as mesmas táticas que usara para impedir o crescimento (mesmo que lento) das afinidades políticas e econômicas da América Ibérica com os Estados Unidos. Desde as primeiras décadas do século XIX, aquece-se gradualmente a ideologia

do pan-americanismo da Doutrina Monroe que, anunciada em 1823, visava integrar as Américas sob a hegemonia dos Estados Unidos.<sup>10</sup> Maxwell conta-nos como Thomas Jefferson se tornara um grande amigo de Abbé Corrêa da Serra, um diplomata português que defendia os interesses do Brasil nas primeiras décadas do século XIX. Ambos sonharam e traçaram um sistema político-econômico liderado pelo Brasil e pelos Estados Unidos. Seria um sistema “totalmente independente e desassociado daquele da Europa,” escreve Jefferson a Corrêa da Serra (Maxwell 159).

O Secretário de Estado John Quincy Adams provou ter pouquíssima simpatia por aquele plano bilateral de liderança transcontinental. Para Maxwell, Adams foi quem de fato se tornou o governante norte-americano mais influente nas relações daquele país com as novas nações sul-americanas. Adams, que via vantagens na separação entre o Velho e o Novo Mundo, negligenciava qualquer identidade mútua entre as Américas: “via os sul-americanos como seres irremediavelmente corrompidos pela Igreja Católica, pelas tradições ibéricas, e pelo clima tropical” (Maxwell 160). Ridicularizando os planos de Jefferson e Corrêa da Serra, Adams demonstrava, nas palavras de Maxwell, “o desdém e a arrogância que também caracterizariam as atitudes dos Estados Unidos para com a América Latina no próximo século” (161). Assim fechava a questão Adams: “No que tange a um sistema americano, nós o temos; nós mesmos o constituímos por completo” (Maxwell 161).

A oposição aos pressupostos desta integração pan-americana não seria capaz de dissolver os velhos preconceitos e estereótipos, mas faria surgir o primeiro grande vetor de solidariedade entre brasileiros e hispano-americanos. Capelato cita o crítico literário José Veríssimo e o escritor uruguaio José Enrique Rodó, que contrapõem o “materialismo e utilitarismo” dos norte-americanos ao “espiritualismo e idealismo” dos latino-americanos (293-4). Para Rodó, “a espiritualidade dos latinos seria incorporada pelos norte-americanos e a partir de então reinaria unidade e harmonia em todo o continente” (294). Veríssimo, entretanto, continuava desacreditando na utopia da “confra-

## *Crepúsculos de Utopias*

ternidade latino-americana,” pensando que as intervenções políticas e militares dos Estados Unidos (como aquelas sobre o México, Cuba e Nicarágua), “eram estimuladas pela própria desordem e anarquia dos países hispânicos” (Capelato 294).

### *Agora se diz “América Latina”*

Na segunda metade do século XIX, mais precisamente na década de 1860, surge o conceito e o termo “América Latina.” Como geralmente acontece com as origens das idéias e seus nomes, há controvérsia sobre a autoria do nome que se atribui a esta vasta e variada parte do Novo Mundo. Teorias há segundo as quais o termo vem da imaginação política de pensadores e diplomatas de Napoleão III, também um invasor de terras estrangeiras, como o seu mais famoso avô. Em seu astuto ensaio, “Mermaids and Other Fetishes: Images of Latin America,” Geoffrey Fox sugere que o conceito foi criado por um sociólogo chileno, Francisco Bilbao, por volta de 1865, e popularizado por ideólogos franceses a partir de então. Floresciam no período as novas ciências da lingüística e da biologia evolutiva, e não faltavam pesquisadores a determinar uma taxonomia racial baseada nas afinidades das línguas faladas por cada um dos povos, os tais “latinos,” “eslavos,” “teutões,” etc. Para Napoleão III e seus seguidores, “América Latina” implicava em uma conexão especial com as partes do Novo Mundo onde as elites falavam o português ou espanhol, e não inglês, língua de uma outra “raça,” pessoas de alma e destino distintos (Fox 135-136).

Napoleão III tinha outras idéias além daquela suposta irmandade lingüística. Seus exércitos invadiram o México e de lá foram expulsos em 1867. Com o tempo, entretanto, os mexicanos e outros hispano-americanos assimilaram o rótulo de “latinos,” através do qual afirmavam sua identidade em face à hegemonia dos inimigos mais perigosos que a França: os anglo-americanos (Fox 137-138). Ademais, ressalta Fox, as elites hispano-americanas desse modo fortaleciam suas ligações com a “raça” européia, depreciando ou anulando

sua herança cultural indígena e africana. Até mesmo Porfírio Díaz, índio zapoteca que lutara contra os franceses, torna-se um francófilo durante seus longos anos na presidência do país entre 1876 e 1911 (Fox 139).

Também partirá do México uma forte reação utópica aos conceitos pseudocientíficos largamente difundidos nas últimas décadas do século XIX, segundo os quais havia supremacia racial dos brancos sobre os demais povos.<sup>11</sup> Surge a voz de José Vasconcelos, um precursor das decantadas teorias de miscigenação do pernambucano Gilberto Freyre em *Casa grande e senzala* e outros estudos etnográficos. Em um texto que se tornou um clássico da história étnico-cultural da América Latina, *Raça Cósmica* (1926), Vasconcelos expõe sua utopia racial sem reservas:

Los días de los blancos puros, los vencedores de hoy, están tan contados como lo estuvieron los de sus antecesores. Al cumplir su destino de mecanizar el mundo, ellos mismos han puesto, sin saberlo, las bases de un período nuevo, el período de la fusión y la mezcla de todos los pueblos. El indio no tiene otra puerta hacia el porvenir que la puerta de la cultura moderna, ni otro camino que el camino ya desbrozado de la civilización latina. También el blanco tendrá que deponer su orgullo, y buscará progreso y redención posterior en el alma de sus hermanos de las otras castas, y se confundirá y se perfeccionará en cada una de las variedades superiores de la especie, en cada una de las modalidades que tornan múltiple la revelación y más poderoso el genio.<sup>12</sup>

As obsessões e conflitos raciais do século XX estavam apenas começando. Como se pôde ver com os próprios olhos ou acompanhar pelas ondas do rádio, treze anos depois da publicação da obra de Vasconcelos o genocídio da Segunda Grande Guerra justificava-se por um tipo de utopia racista, homofóbica e etnocentrista sem par na Europa. Era a busca da purificação da raça ariana levada às últimas consequências na Alemanha Nazista. Mas, estarrecido, o resto do planeta aprendeu algo, e percebeu que era novamente a hora de sonhar com a integração dos povos. O ambiente político do Pós-Guerra e da Guerra-Fria produziria, então, novas utopias, novas instituições, e novas denominações de identidade intercontinental. Num mesmo ano, 1948,

## *Crepúsculos de Utopias*

emergem a Organização dos Estados Americanos (OEA) e a Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL). Para Débora B. Azevedo, esta segunda organização, “constituída no seio das Nações Unidas,” foi o primeiro organismo internacional a acolher na sua denominação oficial o termo “América Latina” (515). Entre as novas idéias político-econômicas das décadas de 1950 e 1960, destaca-se a Teoria da Dependência, mais distintamente articulada por Cardoso e Faletto. À época trabalhando como pesquisadores do CEPAL, eles explicam em *Dependencia y desarrollo em América Latina* (um clássico ensaio redigido entre 1965 e 1967) que a condição terceiro-mundista do continente existe em função dos conflitos entre as nações e das relações desses conflitos com outros dois processos: as lutas políticas internas de cada nação e a organização social que sustenta a produção econômica nacional e multinacional (178).

Tal condição terceiro-mundista incomodava e atuava como um vetor anti-utópico para políticos, cientistas e intelectuais de uma nação que, segundo velhas utopias (já presentes até mesmo na Carta de Pero Vaz de Caminha),<sup>13</sup> estava inexoravelmente destinada à “grandeza.” Uma das mais fortes utopias latino-americanas dos próximos 20 anos seria a do Brasil-Líder da América Latina, que coincide com o período mais sangrento da história da sociedade brasileira do século XX e com múltiplos golpes de estado no Continente, nada menos que nove entre 1962 e 1966.<sup>14</sup> Dissemina-se uma visão otimista de um Brasil-Potência que se industrializa rapidamente e exporta para as Américas. Concomitantemente, pinta-se na imprensa brasileira um lúgubre retrato da “outra” América Latina, onde supostamente se executavam, a cada ano, centenas de atentados e revoluções. Uma única dessas revoluções, a cubana, passaria a figurar no imaginário brasileiro com significância ideológica sem igual. Com inequívocas alusões ao nazismo, os “estereótipos sobre a América Latina concentraram-se nas imagens produzidas no Brasil sobre Cuba e Fidel” (Capelato 307). Em 1962, por exemplo, uma reportagem da revista semanal de maior circulação no país, *O Cruzeiro*, descrevia uma fotografia supostamente tomada em Cuba: “As balas assassinas da

polícia de Kastro [sic], o traidor do povo cubano, o Eichmann do novo mundo [sic], vararam este jovem à porta da nossa embaixada, quando procurava alcançar liberdade” (307).<sup>15</sup>

Mais um evento de enorme repercussão na história das relações entre o Brasil e a América Hispânica, a Revolução Cubana constituía tanto uma ameaça política à hegemonia norte-americana (e à ditadura militar brasileira instaurada em 1964) quanto uma fonte de inspiração para uma juventude que resistia e sonhava com a instauração de um governo socialista (não só no Brasil mas em toda a América Latina). Em vez da corrida desenfreada pelo crescimento econômico às custas do arrocho salarial, do endividamento internacional, e da repressão política, sonhava-se com a democracia e uma distribuição de renda mais igualitária. Enquanto isso, a utopia de um gigante capitalista ao sul do Equador era alicerçada pelos cálculos e teorias de tecnocratas brasileiros empregados pelo IPES (Instituto Brasileiro de Pesquisas e Estudos Sociais) e IBAD (Instituto Brasileiro de Ação Democrática) e, também, por agentes da CIA e economistas e cientistas políticos de vários *think-tanks* norte-americanos.<sup>16</sup> O chamado Milagre Econômico certamente tinha um alto preço: incontáveis assassinatos, torturas, roubos, seqüestros, perseguições e exílios. Da direita partia não apenas a violência oficial (mas pernósticoamente arbitrária) através dos serviços das Forças Armadas mas, também, a violência irrestrita e clandestina de grupos paramilitares contratados pelas Forças Armadas e apoiados financeiramente por grandes empresários (Caldeira 326). Da esquerda, após ser decretado o Ato Institucional no. 5 em 13 de dezembro de 1968, advinha uma grande mobilização político-intelectual, principalmente, aquela de artistas, estudantes e operários. Mas, para os mais apaixonados e desesperados entre eles, só lhes parecia existir um caminho possível: a luta armada (Caldeira 324).

## *Crepúsculos de Utopias*

### *No plano militar, ascensão e queda da guerrilha tupiniquim*

Um dos mais famosos jovens que sonhavam com revoluções socialistas na América Latina à la Castro e Guevara em Cuba era Fernando Gabeira. Ex-maquinista do metrô de Estocolmo, o memorialista transporta os leitores de *O crepúsculo do macho* numa viagem de trem pelos países onde ele viveu as aventuras e penúrias de um militante de esquerda latino-americano no exílio. Tal qual em *O que é isso, companheiro?*, o primeiro volume da trilogia autobiográfica de enorme sucesso crítico e comercial (que também inclui *Entradas e bandeiras*), o narrador de *O crepúsculo do macho* nos dá a sensação de termos conosco alguns companheiros de viagem. Enquanto que no primeiro volume da trilogia Gabeira se dirige principalmente a companheiros da campanha armada no Brasil, no segundo livro ele utiliza a amiga brasileira Ana Marie e as suecas Karin e Ulla, entre outras, como interlocutores de um diálogo tão íntimo quanto autocrítico.

Após seqüestrar Charles Burke Elbrick, o Embaixador norte-americano no Rio de Janeiro em 1969,<sup>17</sup> e, depois, ser baleado, preso e torturado em várias penitenciárias e hospitais militares, Gabeira e outros presos políticos são enviados ao exílio em troca da liberdade do Embaixador alemão no Brasil, que também caíra, em 1970, nas mãos de organizações de esquerda. A primeira estação do exílio é Argel, onde o ativista surpreendentemente declara a um repórter do *Le Monde* que a única coisa que os revolucionários brasileiros têm em comum com Fidel Castro é a opção pela luta armada (*Crepúsculo* 23). Semanas mais tarde, porém, Gabeira se une a guerrilheiros das mais diversas estirpes para treinamentos de combate em Cuba (38). Os cubanos hospedavam “gente estranha” vinda de vários países: “grupos que seqüestravam aviões nos Estados Unidos, revolucionários que enlouqueceram com a repressão, antigos militares do Continente que sonhavam em constituir ali seus exércitos libertadores” (40).

“A ilusão sobre um paraíso na terra se dissipava sem ressentimentos,” assim descreve o narrador a sua experiência

na Ilha tão idolatrada pelos marxistas latino-americanos e, paralelamente, tão amaldiçoada pelo governo dos Estados Unidos e seus aliados pan-americanos (*Crepúsculo* 101). O ex-repórter do *Jornal do Brasil* não deixa de registrar alguns dos avanços socioeconômicos do pequeno país socialista do Caribe.<sup>18</sup> Observa a limpeza e tranqüilidade da capital e pensa numa ex-capital do Brasil que não existe mais: “As pessoas eram simpáticas e comunicativas na rua. Sentia-se no ar o mesmo bom humor que havia no Rio de Janeiro” (101). Gabeira também relata o sucesso das novas técnicas de um hospital psiquiátrico,<sup>19</sup> onde o seu grupo de brasileiros ouviu “um espetáculo musical inteiramente produzido pelos pacientes” (41-2).

A doutrinação socialista à la cubana, entretanto, revelava-se inocente e ineficaz ao explicar como conduzir uma revolução. Baseadas em manuais soviéticos, as aulas teóricas do curso sobre guerrilha que Gabeira fazia em Havana revelavam, pois, um nível muito elementar de questionamento (*Crepúsculo* 73). Decepcionados, muitos militantes brasileiros até consideravam que uma discussão política em tal contexto “nem deveria existir” (73). Outros, como ele, ainda estavam fascinados pelos cubanos e, mesmo reconhecendo a simplicidade dos argumentos, “tendiam a defendê-los. Afinal, eles chegaram ao poder, derrubando uma sangrenta ditadura a partir de pequenos grupos audaciosos e bem armados” (73).

Gabeira suspeitava que a simplicidade da teoria cubana fosse resultado direto das lições adquiridas com o sucesso da revolução. Ele então se pergunta: “Quem nos garantia que os mais intelectualizados, com todas as suas sutilezas, estavam certos?” (*Crepúsculo* 74). Para o militante de Juiz de Fora, a prática é o critério da verdade e, por isso, partidos ultra-intelectuais jamais chegam ao poder. De fato, Gabeira descobre muito mais que a sua própria falta de jeito com os rigores físicos e as destrezas militares (limitações típicas de intelectuais sedentários) e passa a descrever a pluralidade e magnitude dos obstáculos à revolução socialista no Brasil (79). Os principais fatores são a falta de logística, dificuldade de comunicação e desconhecimento teórico entre os

## *Crepúsculos de Utopias*

vários grupos revolucionários, possíveis causas das sucessivas rachas e rivalidades das organizações de esquerda (80-82). Qualquer pequeno desacordo quanto a uma tática ou objetivo de campanha é motivo para desmembramento e formação de um novo grupo muito menor e muito mais fraco que a célula original da qual se desprendera (82).

Até no exterior os sobreviventes de um grupo brasileiro de guerrilha se dividiam, como foi o caso do MR-8, no Chile. Parte dos seus integrantes, temporariamente refugiados na Embaixada da Argentina após o golpe militar de 11 de setembro de 1973, queria se exilar na Europa; parte deles queria ficar na América Latina. Os ideais em comum não eram suficientes para uni-los em torno de um mesmo projeto (*Crepúsculo* 124). Aliás, Gabeira mostra que o mal da discórdia entre os jovens socialistas existia muito além do Novo Mundo. Na Alemanha, por exemplo, maoístas e trotskistas não se toleravam e abertamente expunham suas rivalidades nos refeitórios universitários. Sob a ótica do humor e sarcasmo, a esquerda latino-americana era um universo fragmentado a sofrer constantemente de maior fragmentação, exatamente como se comportavam os pequenos grupos de estudantes:

Quando começam a discordar ligeiramente, transformam-se em inimigos. A passagem da perda de unanimidade para a hostilidade é sempre muito rápida. O arquiinimigo, o capitalismo e seus lacaios—eles adoravam a terminologia chinesa—fica um pouco em sursis. Só se volta a combatê-lo quando a luta interna amaina. Mesmo assim é perigoso: você se descuida, vai buscar um iogurte no balcão e aparecem novos panfletos, desta vez falando de um outro grupo de “traidores” que acaba de aparecer. (108)

Após a derrota da esquerda armada no Brasil ainda há tempo para mais um sopro de esperança socialista na América do Sul. “O Chile não é o Brasil,” clamam os militantes de esquerda ao som das “maravilhosas manifestações de rua” nas quais milhares de operários participam com todo o entusiasmo (128). Uma primeira tentativa de golpe de direita fora rechaçada em junho de 1973. Gabeira então decide que arriscará a vida pelo povo chileno (*Crepúsculo* 129). Entra para uma organização local (a

MAPU) e passa a treinar operários para as técnicas que aprendera em Cuba (132).

Infelizmente, para Gabeira, tanto a desistência dos alunos quanto a descrença do próprio instrutor na utilidade das aulas sobre a guerrilha chegam antes do próprio golpe vitorioso de Augusto Pinochet e comparsas. Desertar um país em plena guerra revolucionária era uma fraqueza condenada por teóricos socialistas, como Karl Marx, recordava o militante. “Os revolucionários devem permanecer ao lado do povo, mesmo sabendo que marcha para uma carnificina” (131). A teoria também lhe serviria de álibi moral: “Meu passaporte é precário, conheço poucos chilenos. O ideal de ficar é quando se está enraizado no povo. Meu coração já partiu—isso é o pior” (131).

*No plano ideológico, o sonho é levado a sério*

Embora a sua própria idealização da revolução armada já estivesse preste a se exaurir, Gabeira percebera, em 1970, que o único componente do estereótipo de guerreiro cubano que sobrevivia em sua volta em Cuba era o hábito do charuto aceso e esquecido entre os dedos (*Crepúsculo* 40-41). O companheiro que se ocupou de facilitar a vida dos militantes brasileiros recém-chegados à Ilha não exibia a mesma farda, boina verde ou rosto expressivo de um Fidel Castro ou um Che Guevara. Esse companheiro logo se constitui no único vínculo que os brasileiros teriam com o poder ou com a solução dos seus problemas. Desde um dentista de urgência até uma nova roupa, tudo passava por ele que, num certo sentido, começava a influir na vida dos estrangeiros nos seus “mínimos detalhes” (39).

Depois de alguns meses marcados pelas aborrecidas visitas oficiais, que resultaram apenas em longas anotações em cadernos intencionalmente “perdidos,” houve oportunidades para muitas lições sociopolíticas, “fantasias teóricas” e “vagabundagem” (*Crepúsculo* 74 e 42). Ao final de seus estudos sobre os problemas dos guerrilheiros latino-americanos, que incluíram uma cuidadosa re-leitura de *O capital*, o atual deputado federal do Partido Verde sugere que

## *Crepúsculos de Utopias*

“idiotas” como ele tinham “previsto o futuro” (78). A um certo momento das suas explorações extra-oficiais pela Ilha, Gabeira se aproxima de uma militante negra do PC de Havana. Através dela, se inteira da repressão e dos preconceitos contra os cultos sincréticos de Santería, religião afro-latina similar ao Candomblé (*Crepúsculo* 99). Em outros momentos de descontração ele fica conhecendo algumas norte-americanas profundamente seduzidas pela “fantasia revolucionária” que envolvia a Ilha (42). Gabeira por outros motivos se aproxima de pelo menos quatro dessas mulheres. Curiosamente, é delas que ele recebe importantes lições em Cuba, as primeiras que o ex-jornalista do *Jornal do Brasil* vem a adquirir no exterior sobre os princípios antimachistas que abraçará com todo o ímpeto ao retornar ao Brasil depois do exílio (*Crepúsculo* 57-58). De uma amiga norte-americana ouve desabafo: “todas as noites quando você fala em política, você olha apenas o seu interlocutor masculino. Era como se eu não existisse nesses momentos. Por quê?” (58).

O narrador não se esquece dos avanços já realizados no Brasil na década de 60, onde homens e mulheres da militância clandestina “dividiam as tarefas domésticas e as tentativas dos homens de escaparem àquela divisão eram freqüentemente denunciadas” (*Crepúsculo* 60). Era preciso mais, é claro. Nos Estados Unidos já se discutia a divisão do trabalho intelectual. Por que competia apenas aos homens formular as linhas políticas, e, às mulheres, apenas defender e propagar tais idéias?, indaga Gabeira (60).

Havia mesmo muitas lições pelas ruas e quartos de hotel em Cuba. Descobre-se, por exemplo, que a hospitalidade ali flutua como as bolsas de valores de Wall Street e Ibovespa. Se a organização de um guerrilheiro estrangeiro que se encontra em Cuba está em alta no seu país de origem, são altas as suas quotas diárias de cigarros e as suas quotas semanais de ingressos de cinema (90). Os brasileiros estavam no “extremo da linha,” diz Gabeira, “atrás de quase todos os outros latino-americanos” (102).

*No plano comportamental, abaixo o bigode latino-americano*

A generosidade financeira dos cubanos permite que Gabeira viaje para a Europa em busca de novos rumos para a causa socialista. Do outro lado do Atlântico, esperam-no outros significativos aprendizados, que resultarão dos confrontos culturais entre homens latino-americanos e mulheres alemãs em 1973 (*Crepúsculo* 118). “Elas estavam exatamente iniciando uma ofensiva no sentido de criticar o machismo,” explica Gabeira, e um dos problemas maiores era a distribuição das tarefas domésticas de cozinhar e limpar, que também afetavam as relações entre elas e os árabes da mesma residência estudantil (118). O narrador declara que se sentia um pouco distante daquelas disputas, embora seu “coração estivesse com as alemãs” (118). O que lhe intrigava e fascinava ao mesmo tempo era outra questão. Inger, sua amiga alemã, o recebia “com os seios à mostra, com a maior naturalidade, e fazia xixi com a porta do banheiro aberta” (118). Gabeira então confessa que era impossível esconder que “achava isto muito bonito em 72 e que estabelecia uma relação bastante razoável entre a maneira como ela vivia o corpo e seu nível de liberdade sexual” (118).<sup>20</sup>

Depois daquele verão na Alemanha, um breve retorno à América do Sul reservaria a Gabeira certas percepções e desprazeres inusitados:

Quando o motorista do táxi nos anunciou que estávamos entrando na Alameda e que aquilo era a rua principal do Chile, senti um baque. Estava em obras e era muito escura. Passava meus dias vagando por Santiago e voltava com os olhos ardendo e a camisa suja, tal a poluição do ar na cidade. Sabia que os brasileiros freqüentavam as penhas, onde se cantavam músicas folclóricas chilenas. Era fácil encontrá-los na penha dos Parra, talvez a mais famosa da cidade. Mas para mim era coisa de ver uma só vez. Não me entusiasmava aquele tipo de música e tinha a sensação de que, todas as noites, se repetia o programa (127).

Na verdade o problema estava aquém da música tradicional e da escuridão e buracos nos logradouros da América Latina: “Não achava mais encanto nas caras

## *Crepúsculos de Utopias*

sofridas e nos corpos enrijecidos pela tensão de nossas companheiras de combate. Isto não era tampouco uma ilusão colonial?” (*Crepúsculo* 127-128)

Meses depois da temporada no Chile Gabeira era forçado a escolher entre buscar exílio em um outro país latino-americano ou voltar de vez para um país europeu. Apaixonado por Inger, o jornalista exilado tem suas dúvidas sobre a possível má-fé que o leva a trair seus ideais. Escolher a vida no Velho Continente era, para a maioria dos companheiros latino-americanos, o mesmo que optar pelo “desbunde,” isto é, a alienação e fuga à causa socialista. Questionava Gabeira: seu destino era obter uma base mais estável na Europa? Na Argentina, Perón de fato perseguiria os socialistas para se manter no poder? (*Crepúsculo* 156).

Seria difícil admitir, argumenta o narrador de *Crepúsculo*, “uma realidade que nos doía muito: estávamos sendo tocados do Continente por uma onda de direita, cujos contornos finais ainda não estavam definidos” (156). Portanto, parcialmente consciente da sua desilusão com a revolução socialista armada, escolhe o exílio na Suécia, apesar das enormes dificuldades com o idioma e o clima da Escandinávia. Sua opção parece ter sido voltar ao trabalho manual para a sobrevivência e à contribuição estritamente intelectual para a causa socialista. Naquele país nórdico, por exemplo, vai cortar grama em cemitérios, lavar pratos em hospitais, dirigir trens do metrô e, ao mesmo tempo, escrever dois artigos semanais para a Rádio Suécia. Também participaria de debates internacionais e projetos cinematográficos através dos quais condenaria a situação política ditatorial, a exploração da mão de obra, o desrespeito à ecologia, e a falta dos direitos humanos na América Latina como um todo.

Sua vida de trabalhador braçal na Suécia não é de todo ruim, é claro. Gabeira já tivera uma boa idéia dessas possibilidades ao morar e trabalhar na Alemanha, ainda que lá estivesse ilegalmente. Em Estocolmo sobra-lhe dinheiro para passar férias na França e na Grécia, e já é hora de pôr de lado o seu próprio comportamento típico de exilado latino-americano. Abaixo o bigode, “aquele último vestígio da

imagem que sustentava na América Latina,” pois a cabeleira de intelectual engajado já desaparecera em Praga alguns anos atrás em troca de um corte bem curto, europeu e moderno (*Crepúsculo* 202, 185). Abaixo as roupas cinzentas ou escuras que traduziam em si mesmas as derrotas do Continente marcado pelas guerrilhas em franca decadência.

*No plano pessoal, quem é esse tal de brasileiro?*

A crise de identidade e a distopia sociopolítica narradas em *O crepúsculo do macho* têm várias faces. A maior delas é aquela em que Gabeira se vê e se questiona como um ser humano dentro de um mundo cada vez mais industrializado, consumista e desumano: “Não era apenas um trabalhador estrangeiro e nem aspirava ao conforto e mediocridade da classe média europeia” (203). Suas indagações vão mais longe:

    Não estaria aí a razão de uma escolha menos clássica das roupas? Uma mensagem visual que as lojas de segunda mão, as combinações ousadas transmitiam diretamente: minha identidade não será buscada na integração, mas junto aos belos marginais que povoam a sociedade industrial, sobreviventes de um desastre que já aconteceu, artífices pacientes de um novo mundo onde as relações com o trabalho e as relações entre as pessoas se modificam com rapidez (203).

Eva, uma amiga psicóloga que conhecera em Estocolmo, não concorda exatamente com o narrador. Gabeira então nos expõe, mesmo que indiretamente, as perspectivas dela sobre coisas que ele próprio conscientemente precisava ouvir na época (*Crepúsculo* 203). Para Eva, o novo mundo a que Gabeira aludia na verdade não existe:

    Sua base material era a extrema riqueza da Europa ocidental, onde as pessoas como nós podiam se dar ao luxo de trabalhar 15 dias e parar um mês. Nossa nova relação com o trabalho só se explicava a partir da pobreza de um outro mundo, extremamente explorado pelas nações industrializadas. E o nosso modo de vestir era apenas temporariamente novo. Assim que se expandia um pouco, era absorvido pela indústria da moda e consumido em grande escala: nesse momento, abominávamos tudo aquilo e passávamos para novos hábitos (203).

## *Crepúsculos de Utopias*

De fato, os hábitos normalmente associados ao perfil do “revolucionário latino-americano clássico” faziam parte de uma “mitologia [...] já em parte esgotada” (187). Por isso o narrador confessa em retrospectiva, isto é, já moldado pela maioria das suas experiências de vida na Suécia, ter sentido uma certa culpa ao não corresponder às expectativas de uma amiga ainda engajada na causa revolucionária:

aborrecia-me muito acompanhá-la pelas noites culturais de solidariedade para com todo o mundo. Podia ser uma noite de apoio ao Uruguai, uma conferência sobre o Panamá—para mim sempre uma sensação de *deja vue*, sobretudo quando o conjunto musical *Bela Ciao* [sic], composto de pessoas de meia-idade, subia ao palco para cantar canções revolucionárias (187).

Gabeira havia interiorizado a derrota no Continente e ainda vivia de um modo infeliz. A suprema vitória dos ditadores latino-americanos não simplesmente condenava gente como ele ao exílio, “mas também à infelicidade” (192).

Paralelamente, era-lhe impossível viver no mundo socialista sem notar a falta de importância do brasileiro e, ao mesmo tempo, “dissociar a nacionalidade e o estágio de luta de classes da própria pessoa” (102). Portanto, campanha política em baixa significava a auto-imagem do brasileiro em baixa. Durante meses de cadeia no Brasil ele ingenuamente pensara que todas as pessoas e nacionalidades fossem iguais, mas em peregrinação pela Argélia, Cuba, Tchecoslováquia, Rússia, França, Alemanha, Chile, Portugal e Suécia, o memorialista percebe que sempre há diferença entre “revolucionários com poder e revolucionários sem poder, dispondo apenas de uma passagem e uma mala quase vazia” (102).

Não bastou a Gabeira ter algum dinheiro e encher a mala de roupas esdrúxulas após regularizar sua condição de exilado oficial na Suécia: “Você está no exílio e quer constantemente saber quem você é” (102). Esta é uma tarefa muito árdua para um indivíduo que pelo menos sabe quem e o quê ele não é: não é Gomes, seu falso nome em Cuba; ou Joaquim, na Alemanha; ou Diogo, no Chile. Mesmo na Suécia este brasileiro sabe quem não é, porque não é um “cara pálido,” tem os cabelos pretos (com orgulho, ressalta,

tanto que usa “*henna* negra para lhes ressaltar o brilho”). Mas, por isso mesmo, os bêbados da estação de metrô em Estocolmo lhe jogam latas vazias de cerveja gritando: “Estrangeiro do inferno, volte para o seu país” (203, 11).

Talvez outro problema fosse igualmente desconcertante ali em Estocolmo: a frieza e a indiferença no olhar de tantas pessoas nas ruas. Ele as olhava “de olho aberto” e tinha agora uma sensação de que haviam morrido há algum tempo (239). Eram “vítimas de um mal remoto e que agora apenas suas carcaças vagavam pelas ruas. Polidas e organizadas carcaças” (239). Como é que a social-democracia dos suecos podia ter atingido um desenvolvimento tão extraordinário e serem eles pessoas tão tristes, se pergunta Gabeira? E nem adianta sorrir para eles, acrescenta, pois acham “que você está ficando louco e respondem com um sorriso tão desolado e complacente, que você fica completamente desarmado” (240).

Na medida que o fim da década de 1970 se aproxima, crescem os rumores do projeto de anistia que permitiria o retorno de muitos exilados brasileiros. Uma entrevista concedida à equipe do *Pasquim* em Paris em outubro de 1978 devolve a Gabeira um pouco da suposta sensação de “ser brasileiro.” Estavam todos “sorridentes e barulhentos, a ponto de espantarem os franceses” (226). O exilado pensava que a entrevista não passasse na censura, mas o jornal de fato a publicaria na íntegra.<sup>21</sup> Ao voltar à Suécia, onde o tom das conversas é quase sempre comedido, o narrador vê-se muito exaltado, falando alto e sem parar, comportando-se “como se tivesse ido ao Brasil e recolhido toda a energia positiva para enfrentar o inverno que se anunciava” (226).

Conforme relata em *Entradas e bandeiras*, a volta ao Brasil em fins de 1979 confirmaria a tese do próprio autobiógrafo (resumida em *Crepúsculo*), segundo a qual certas contradições nunca se resolvem, “apenas alteram de forma quando muda o quadro em que se movem” (236). Percorrendo, num velho jipe militar, alguns milhares de quilômetros do imenso território tupiniquim, Gabeira daria uma grande contribuição ao debate sobre as veias abertas da América Latina<sup>22</sup> (estação Brasil), tais como a homofobia, o

## *Crepúsculos de Utopias*

machismo, a repressão sexual, o racismo, a violência doméstica, a negligência ecológica e a urbanização desenfreada, além, é claro, dos exorbitantes gastos com a proliferação de armas, dos níveis escandalosos de pobreza, e de outros tantos danos sociais causados pelo modelo econômico do governo militar. Gabeira, entretanto, não se encontraria a si mesmo como “brasileiro” e tampouco “descobriria” aquele país tantas vezes re-imaginado nos anos de exílio. Antes de pisar no aeroporto do Galeão e (sem querer querendo) assumir imediatamente o estatuto de estrela-guia intelectual de um Brasil em fase de redemocratização, ainda há ímpeto para mais uma utopia no estrangeiro: “No cenário de minha infância e adolescência, no País onde fizera política e passara meses na clandestinidade e cadeia, tudo seria banhado por uma nova luz” (226).

### *Conclusão*

Várias passagens da história, desde o período colonial até meados do século XX, convidam-nos a pensar nas utopias baseadas em fundamentos políticos e modelos estereotipados sobre as quais brasileiros e hispano-americanos compõem suas auto-imagens e as imagens de cada grupo sobre o outro. Apenas um elemento em comum, como a lealdade ao imperador ou o sonho de um governo republicano, foi e sempre será suficiente para se criar um sentido de identidade (mesmo que frágil) entre cidadãos e nações que se diferem de muitos outros modos. Por outro lado, um olhar oblíquo<sup>23</sup> de quem desconhece ou pretende desprezar a heterogeneidade de um grupo humano tão vasto como o da América Latina pode reduzi-lo a uma imagem de decrepitude moral e inferioridade humana, como o fez o presidente estadunidense John Quincy Adams em suas memórias (Maxwell 160-1). É curioso, entretanto, que a própria homogeneização de um rancor de qualquer natureza (como a antipatia política por um país estrangeiro) pode fortalecer a coesão de um grupo extremamente diferenciado, definindo as fronteiras de uma “comunidade simbólica.”<sup>24</sup> Para as novas nações do Novo Mundo, nem Espanha nem Portugal (ou outra potência

européia entre as que possuíram colônias neste continente, como a França, Holanda e Inglaterra; ou o próprio Brasil imperialista) atingiu o status de inimigo pan-americano.

Em função da enorme diversidade étnica e lingüística das Américas, e da ausência de um elemento político ou cultural “indesejável” a maioria dos latino-americanos, praticamente nada fora edificado em termos de identidade latino-americana antes que intervenções e invasões territoriais fossem realizadas por um mesmo governo externo, o dos Estados Unidos,<sup>25</sup> cuja Doutrina Monroe, paradoxalmente, defendia a integração pan-americana desde o início do século XIX. Capelato, Cardoso, Faletto, Galeano, Maxwell, Prado Júnior, Sidmore, Schwartz e tantos outros pesquisadores contemporâneos têm mostrado fatos, circunstâncias e relações de idéias que apontam para as origens (internas e externas) e as dinâmicas de persistência do subdesenvolvimento, desigualdades e injustiças na América Latina. Entretanto, extrativismo, latifúndio, monocultura de exportação, escravidão, corrupção, autoritarismo ou desprezo para com as leis e bens públicos não poderá ser utilizado como elemento de identidade comum a toda a América Latina. Nem tampouco poderiam sê-lo as raras reações populares ou demagogas articulações das elites contra essas “úlceras” nacionais. Narrativas e teorias sociológicas e historiográficas dos autores acima citados (e de tantos outros de eras passadas) dariam conta, na melhor das hipóteses, de discernir padrões regionais, nacionais ou continentais de comportamento político-econômico, de veiculação de idéias de grande alcance social, e de sangrentas revoltas e campanhas militares. Mas onde estariam as vozes a articular saídas coletivas para os labirintos das inquietações latino-americanas? Em última análise, em que bases se poderia pensar a latino-americanidade do futuro, de um porvir bem mais favorável aos povos deste meio bilhão de seres humanos?

A partir de 1948, quando na verdade se oficializava o termo “América Latina,” a presença do poderio militar, econômico e cultural estadunidense havia se tornado significativa em quase todos os países do Novo Mundo, onde já

## *Crepúsculos de Utopias*

existia um crescente sentido de identidade entre indivíduos que não aceitavam tal domínio estrangeiro e, por seu turno, confabulavam utopias socialistas. Obviamente, Fernando Gabeira era um desses indivíduos. Embora não discuta detalhadamente a questão em *O crepúsculo do macho*, é quase que um consenso tácito entre o memorialista e seus leitores a noção de que por trás dos inúmeros movimentos guerrilheiros da América Latina havia uma utopia apoiada no sucesso heróico dos “machos”<sup>26</sup> engajados na resistência armada às ditaduras e oligarquias no poder e na superação de um inimigo comum, o capitalismo, e seus capitães nacionais e norte-americanos.

Há, portanto, uma confluência de e entre fatores internos e externos. Tanto as ideologias do período da Guerra Fria como as práticas e projetos sócio-econômicas que buscam desenvolvimento nacional a qualquer preço radicalizam as intervenções dos poderosos e/ou extremados no cotidiano dos latino-americanos. O processo de militarização e ascensão social da classe fardada, que se iniciou e não deu trégua desde as revoltas anticoloniais na América Hispânica, e desde a Guerra da Tríplice Aliança, no Brasil, chega ao seu apogeu nas décadas de 1960 e 1970, quando até a dita “esquerda” se militarizou contra os governos nacionais. O grau de violência em nome do estado nacional em países como o Chile, Argentina e Brasil<sup>27</sup> não teve precedentes mais graves, a não ser aqueles de vários séculos atrás. Como bem o define Silviano Santiago, o pior da história contemporânea da América Latina estaria por vir:

A reorganização da direita pelos países do Terceiro Mundo, impondo aqui e ali regimes opressores e totalitários de âmbito nacional (embora articulados pelo governo americano), de uma violência organizada e burocratizada inédita desde os movimentos de independência frente ao colonialismo europeu no século XVIII, mas que palidamente relembra o extermínio dos índios e as torturas da escravidão (*Poder* 15).

Em reação direta contra os governos de direita e os conservadores do mundo ocidental, Fernando Gabeira elabora uma narrativa irônica e autocrítica<sup>28</sup> em nome de si mesmo, dos militantes de esquerda, e dos companheiros de

desterro após passar quase nove de exílio em países socialistas (ou quase socialistas). No seu relato, o ex-guerrilheiro tanto lamenta quanto desmistifica a força e a coesão de uma utopia de identidade coletiva e transformação social em escala continental. Em relação aos exilados de outros países latinos, Gabeira revela-nos muito pouco do que pensa e do que se passa entre eles. Apesar de escrever artigos para revistas e jornais do Chile e de Cuba e declarar que possui amigos chilenos em Santiago, o narrador não inclui discussões ou conclusões obtidas ao redor de militantes hispano-americanos. A única exceção é Lúcia, a cubana cujo cabelo do tipo *black-power* causava horror estético e identitário entre os colegas do Partido Comunista. Há de se considerar que em Cuba o governo não permitia nem muito deslocamento e nem muita interação social ou intelectual entre os revolucionários estrangeiros, ou entre eles e cubanos. Era também relevante a frágil condição de Gabeira enquanto estrangeiro portador de passaporte falso no Chile. Mas o que se passou na Europa? Pelo que expõe no seu segundo volume de memórias, Gabeira tampouco por lá se integrou aos hispânicos. Apesar da decantada ideologia de união latino-americana entre os que combatem o capitalismo, da generalização das críticas que tece sobre a esquerda latino-americana, e até mesmo da diferença que sugere entre a frieza dos suecos e o calor dos latinos, a história de Gabeira no exílio acaba refletindo a mesma separação entre brasileiros e hispano-americanos de vários séculos.

Entre uma aventura ou uma reflexão perseguida em Havana, Berlim, Santiago ou Estocolmo, Gabeira vai se afastando não apenas dos latino-americanos como também dos ideais da revolução armada,<sup>29</sup> da “inevitável” transformação socialista, da disciplina partidária, e da negação da subjetividade:

Nosso processo era singular e consistia em tomar como dado algo que estava por fazer e que, de verdade, jamais seria feito. A imaginação transitava por áreas liberadas enquanto, na realidade, os poucos companheiros que restavam no Brasil sequer dispunham de um lugar para dormir e eram obrigados a se jogar num ônibus, circular durante toda a madrugada, para cochilar um pouco e readquirir forças a fim de prosseguir sua longa fuga da polícia política (79).

## *Crepúsculos de Utopias*

Ao contemplar a volta ao Brasil, dias antes do decreto de Anistia, ele se recusa a participar de um evento de solidariedade aos paraguaios e critica os militantes brasileiros que lá estariam presentes. Talvez estivesse cansado do clima desses eventos, ao mesmo tempo nostálgico, mítico, ritualista e, no fundo, pessimista, tal como aconteciam as penhas meses antes do golpe militar em Santiago.

De comum entre ele e os outros militantes brasileiros na Europa, afirma o narrador, restam as lembranças de lutas no Brasil e a esperança do retorno à terra: “Vai haver um Brasil para vocês, outro para nós, Baby, Joseph, Macunaíma e eu” (*Crepúsculo* 213). Os novos companheiros, dois negros e um homossexual, assinalam os horizontes de novas utopias voltadas tanto para o combate ao racismo e preconceitos sexuais quanto para a defesa do meio ambiente e dos direitos da mulher, mesmo que estes ainda fossem *fronts* bem mais insólitos no Brasil que a própria revolução socialista no despontar da década de 1980.<sup>30</sup> O melhor argumento que Gabeira pode oferecer, discorre Silviano Santiago em “Pizza, tevê e utopia,” é o de que “qualquer ser humano tem a necessidade diária de sonhar” (13). Em seu artigo de 1981 o romancista e crítico mineiro dirige-se diretamente ao autobiógrafo, relembrando-lhe de que o “narrado é o embate da utopia contra as forças retrógradas e repressivas que dominam o homem e o tornam escravo delas e não senhor de si” (13).

O ex-jornalista do *Jornal do Brasil* continuaria sua jornada utópica, publicando dez livros antes do fim da mesma década em que viu triunfar em Brasília mais um nefasto líder populista latino-americano, Fernando Collor de Mello. Apesar de jamais repetir o brilho estilístico ou analítico da sua trilogia autobiográfica, os livros do ativista mineiro traduzem suas propostas e perplexidades diante do país do qual esteve afastado por tantos anos. Em fins de 1979, após narrar uma transcontinental viagem de trem, em cujas janelas se protelava mais um longo crepúsculo de utopias, Fernando Gabeira bendiz então a chegada da noite tropical, com novas utopias de transformação sociopolítica.

Para este incansável defensor de direitos humanos e preservação do meio ambiente, a busca por justiça não tem trégua nas décadas de 80 e 90 e no raiar de mais um milênio. De certo modo, sua trajetória transcorre paralela à do continente. Por um lado, um seqüestrador transforma-se em político pacifista razoavelmente bem sucedido<sup>31</sup> mas incapaz de sanar as chagas mais profundas do seu país, o que lhe deve ter trazido a decepção exposta na epígrafe deste ensaio. Por outro lado, não se pode negar que os sonhos e ações pelo bem social permanecem imprescindíveis disposições na América Latina. É verdade que notícias e rumores de violência oficial e para-oficial de ditadores e militantes de esquerda foram substituídos por estatísticas de desastres ecológicos, homicídios, corrupção, desemprego e fome. Entretanto, também foram substituídos por grandes conquistas de uma sociedade civil melhor organizada, mais justa e mais atuante, para a qual contribuíram milhares de ativistas outrora engajados na resistência às ditaduras de direita, como Gabeira. (Este é um tópico, porém, para uma outra pesquisa).

Resta-nos, então, sugerir uma hipótese de continuidade a este estudo. Apesar das deficiências reais de sua organização e das dimensões ilusórias de suas utopias, tais ativistas deixaram de lado a conveniência da apatia política e do conforto burguês para se dedicar de corpo e alma à luta pela democracia e justiça social. Como muito bem explica Jorge G. Castañeda, a esquerda armada latino-americana dos anos 60 e início dos anos 70 nunca se tornou um elemento central no espectro político, como gostaria de ter ocupado. Quase todos os seus líderes foram dizimados. Mas a geração de latino-americanos afetados pela luta armada (entre os quais cita Gabeira), e que “não morreram ou desapareceram nas florestas, montanhas, ou câmaras de tortura, tornaram-se ativistas de meia-idade, jornalistas, líderes de sindicatos, e ambientalistas de atualidade” (Castañeda 16). Pode-se argumentar, por exemplo, que o efeito-cascata dos movimentos de esquerda daquelas décadas inspirou, entre outros, a vitória dos movimentos pelos direitos da mulher, a expansão das organizações não-governamentais pelo continente, o reconhecimento legal da união civil de homossexuais em Buenos

## *Crepúsculos de Utopias*

Aires,<sup>32</sup> a determinação de cotas para minorias nas universidades brasileiras, e a eleição e posse de Luiz Inácio Lula da Silva, o ex-operário na presidência da maior nação latino-americana a partir de 2001.

Não foi apenas Lula o vencedor nas eleições de 2000, mas o Partido dos Trabalhadores em conjunto. Cinco anos mais tarde, muitos intelectuais e ativistas latino-americanos, além de Gabeira, mostram-se decepcionados diante dos sérios enganos e tropeços dos ex-militantes de esquerda que assumiram o poder junto a Lula. Entre os mais sérios percalços do primeiro governo federal de esquerda do Brasil desde João Goulart, destacam-se aqueles associados aos escândalos de corrupção e desvio de altas somas de dinheiro envolvendo alguns ministros de estado (entre eles, os mais poderosos, como o da Fazenda, Antonio Palocci, e o da Casa Civil, José Dirceu), além dezenas de parlamentares do PT e de outros partidos políticos. Esta crise, que já se estende por mais de um ano (2005-2006), praticamente desmoronou as bases utópicas de muitos intelectuais e alguns milhões de outros cidadãos brasileiros que sonhavam com grandes reformas estruturais que, por exemplo, que reduzissem drasticamente a miséria urbana, o desemprego, e exploração da mão de obra no campo, e que valorizassem a educação e a saúde da população mais carente em um país sob o comando de um ex-operário na presidência.<sup>33</sup>

Entretanto, o mundo dos sonhos, como o próprio planeta, não pára de girar. Um quarto de século após a publicação de *O crepúsculo do macho*, as utopias de Gabeira permanecem em constante processo de re-avaliações éticas e não se prendem a qualquer poder institucional estabelecido, seja ele o do Congresso em Brasília, ou o do Partido dos Trabalhadores. O ex-deputado do PT, por exemplo, não só rejeita a pensão concedida aos ex-exilados, torturados e presos políticos, como ele, mas também denuncia o abuso do perdão auto-atribuído pelos membros do partido do governo e seus simpatizantes:

Há pessoas que efetivamente foram esmagadas que precisam dessa reparação. Mas ela deveria seguir critérios para não ser politicamente desvairada. Se você lutou por uma sociedade com menos diferenças é

## *Dário Borim*

contraditório receber uma indenização de R\$ 20 mil por mês como alguns tiveram. Indenização essa por ter lutado por uma sociedade de iguais! (Fraga s.p.).

Gabeira também deixa bem claro como que as vantagens materiais de quem está no poder seduziram os membros do atual governo que, segundo o Deputado, passaram a usar técnicas populistas de clientelismo para com os pobres e metas de crescimento econômico como propaganda para re-eleição:

Em primeiro lugar, eles vão tentar canalizar o que puderem de excedente para um trabalho social que mantenha as populações mais pobres na condição de clientes. Em segundo lugar, vão utilizar toda a força que têm -a sedução ou a ameaça- para garantir que a mídia os consagre. Na mídia, eles não dão tanta importância aos jornais. Dão à TV. Vão tentar essa manobra do pão e circo (Fraga s.p.).

Apesar da extrema gravidade daqueles escândalos de corrupção e outros abusos de poder do governo Lula, Gabeira resiste ao pessimismo e à apatia. Novas utopias, talvez bem menores do que revoluções,<sup>34</sup> ainda lhe alimentam o espírito: “Não tenho essa visão de que estamos em decadência, cada vez piores. Tenho a visão de que é preciso avançar. Não há mais no horizonte nenhuma transformação radical. O que há é a administração do real e um avanço estratégico da democracia. Eu, surpreendentemente, sempre me vejo na oposição” (Fraga s.p.).

Notas:

1. Ver a reprodução da matéria de Plínio Fraga originalmente publicada em 22/08/2004, “Gabeira revê 79 e ataca ‘sonho burguês’ do PT” nos portais:

[www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u63482.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u63482.shtml) e

[www.desaparecidospoliticos.org.br/noticias/nt\\_anistia25anos.html#6](http://www.desaparecidospoliticos.org.br/noticias/nt_anistia25anos.html#6).

Extremamente decepcionado com o Partido dos Trabalhadores e com o presidente Luiz Inácio “Lula” da Silva, Gabeira se mostra cansado de fazer política dentro do governo, “Lutamos para a ascensão de um governo de esquerda, sem perceber que o instrumento de mudança que era o Estado estava cada vez menos importante. É estreita a margem de manobra no mundo globalizado” (ver Fraga).

2. A tradução é de minha autoria aqui e em todas as demais citações de textos cujas edições em inglês estão arroladas na seção de Obras Citadas.

## *Crepúsculos de Utopias*

3. Ver também as obras de Arenas, Blanco, Castañeda, Jacoby, Loubere, Miller, Morgan, Muraro, e Peloso.

4. Após suas primeiras homilias, o atual Papa Bento XVI tem confirmado a continuidade da forte tendência conservadora seguida por João Paulo II. Enquanto cardeal, Joseph Ratzinger foi o principal responsável pela repressão a Leonardo Boff e outros pensadores da Teologia da Libertação. Muraro o define como o “maior inquisidor do século XX” (281).

5. Segundo Caio Prado Júnior, o tratado definiu “efetivamente as linhas divisórias entre possessões portuguesas e espanholas [...], linhas que seriam grosseiramente as mesmas de hoje” (30). O critério adotado na divisão das terras, assinala o historiador, “não foi senão o da ocupação” (30).

6. Ver os fragmentos de uma excelente retratação bio-ideológica desse distinto líder brasileiro em Maxwell, principalmente às pp. 152-3, 164 e 166. Embora Maxwell não mencione esta analogia, verifico claramente uma visão do futuro ideal da nação em Bonifácio como traços precursores da ideologia e teorias raciais defendidas por Gilberto Freyre mais de um século depois (164).

7. Ver James Lockhart e Stuart Schwartz quanto ao papel da mineração em Minas Gerais (370-79) e na América Latina (370-404), e quanto ao impacto das revoltas de pré-independência naquele estado (410-12) e no resto do continente (405-26).

8. Com sua própria ênfase (itálicos) e tradução do documento original publicado no Porto em 1820, em francês, Maxwell transcreve esta passagem: “The idea of *the status of a colony to which Portugal in effect is reduced*, afflicts deeply all those citizens who still conserve a sentiment of national dignity. Justice is administered from Brazil to the loyal people in Europe, that is to say at a vast distance... with excessive expense and delay...” (156).

9. Ver Capelato (289) e a citação original em Bellotto e Corrêa (24).

10. Ver o excelente ensaio de Maria Lígia Coelho Prado sobre as relações dos Estados Unidos com o Brasil. Destacam-se as reflexões sobre a Doutrina Monroe e outras importantes campanhas ideológicas estadunidenses para com a América Latina, tais como a Política da Boa Vizinhança dos anos 1940 e a Aliança para o Progresso nos anos 1960. Ver também as três ideologias em Howard Zinn (1, 110 e 141-2) e a Política de Boa Vizinhança retratada nos filmes de Walt Disney, tema de um espetacular ensaio de Julienne Burton (Burton 21-41).

11. Ver as repercussões do conceito de eugenia na obra de Nancy Leys Stepan. A autora compara as semelhanças entre as características dessa ideologia na Argentina, Brasil e México, em relação às mesmas na Alemanha, Estados Unidos, e Inglaterra.

12. O texto integral da primeira edição encontra-se escaneado e postado no site <http://www.filosofia.org/aut/001/razacos.htm>.

13. Esse valioso documento da história luso-brasileira (e mesmo da história mundial) foi escrito em 1o. de maio de 1500, portanto, apenas 15 anos antes da publicação do clássico de More, *Utopia*. Para uma excelente

## Dário Borim

abordagem da narrativa de Caminha em relação às utopias do fim da Idade Média, ver Silvano Peloso, especialmente o primeiro capítulo, “Para uma tipologia da alteridade: o Novo Mundo na *Carta* de Pero Vaz de Caminha” (17-33).

14. Ver em Capelato a lista desses golpes de estado contra governos “que tentavam implementar reformas consideradas subversivas” (308).

15. Para esta discussão Capelato utiliza-se de material coletado por um mestrando de História da Universidade de São Paulo, Rafael Baitz, cuja tese, *Um continente em foco. A imagem fotográfica da América Latina nas revistas semanais brasileiras* (1954-1964), é defendida em 1998.

16. Ver *O golpe militar e civil de 64: 40 anos depois*, o livro de Ivan Cavalcanti Proença, um militar brasileiro cassado por não ter apoiado ou reconhecido o golpe militar, e a seminal obra do uruguaio René Dreifuss sobre a questão, *1964: A conquista do Estado*. Rose Marie Muraro, editora-chefe da Vozes, descreve em *Memórias de uma mulher impossível* os bastidores da publicação desta obra que, originalmente redigida em inglês, foi traduzida em sigilo absoluto, “aos pedaços, para que ninguém soubesse como ele era inteiro” (268).

17. Tema do filme de Bruno Barreto, *O que é isso, companheiro?* (1997), o seqüestro é baseado no capítulo 15, “Babilônia, Babilônia,” do primeiro volume da trilogia de Fernando Gabeira. Segundo Randal Johnson, Barreto recebe duras críticas no Brasil por ter tornado o roteiro excessivamente “pessoal” e bem menos “político” do que o texto original. Ver no artigo de Ellen Spielmann uma discussão sobre a adaptação cinematográfica do original de Gabeira.

18. Para uma reflexão sobre o modelo de socialismo em Cuba 30 anos após a Revolução, ver Blanco.

19. Para maiores detalhes dos avanços na área de saúde em Cuba ver Vidal e Padrón.

20. Para uma avaliação das questões sexuais na obra de Fernando Gabeira, consultar o ensaio bio-bibliográfico “Fernando Gabeira” de Dário Borim.

21. Posteriormente o texto é editado e lançado em forma de livro, *Carta sobre a Anistia* (ver Gabeira na bibliografia).

22. Frase inspirada, obviamente, pela clássica obra do escritor uruguaio Eduardo Galeano, *Las venas abiertas de América Latina*.

23. Para Rodolfo Franconi o “olhar oblíquo” é uma metáfora ótica para um recurso epistemológico que visa explicar “o modo em que nos percebemos, brasileiros e hispano-americanos, uns aos outros, vizinhos que somos, mas de costas voltadas de um para o outro” (s.p.). O crítico faz uso deste conceito na análise de tais relações na ficção latino-americana em palestra proferida na Universidade de Massachusetts Dartmouth.

24. O conceito teórico-instrumental de “comunidade simbólica” baseia-se em discursos de identidade coletiva. Inspira-se na noção de *imagined community*, de Benedict Anderson. De modo adverso a Anderson, enfatizo que não é necessário imaginar um sentido de camaradagem horizontal entre os membros de uma comunidade simbólica para que esta se sustente como tal. Forte ou fraca, uma comunidade simbólica não precisa mais que

## *Crepúsculos de Utopias*

um elemento apenas que fomente um sentido de identidade coletiva, como idioma, etnia, religião, nacionalidade, gênero, idade, profissão, etc.. Para uma discussão mais abrangente do termo, ver Borim, especialmente o último capítulo de *Borders and Selves*.

25. Ver Zinn (313-5 e 330) e Eric Hobsbawm (344-71 e 437-43).

26. Utilizo este conceito de “macho” como representação de uma imagem auto-estereotipada que, na América Latina, está associada, por um lado, a de um ser viril, heterossexual, homofóbico e hiper-sexuado, que deve se valer de seus privilégios especiais por ser senhor, pai, ou simplesmente homem (portanto, superior a todas às mulheres). Por outro lado, essa imagem também está associada àquela de guerreiro, lutador e herói, uma distorção que, em maior ou menor escala, se estende desde os primórdios da civilização latino-americana até os dias de hoje, com os seus caudilhos, torturadores, e outros súditos de tempos coloniais e pós-coloniais. Para um exame crítico das relações machistas e homofóbicas entre os guerrilheiros brasileiros, ver as obras de Herbert Daniel; e das relações entre homossexualismo e metáforas da AIDS, em Severino Albuquerque (120-70), e Fernando Arenas, especialmente o capítulo em que discute Caio Fernando Abreu (42-65). Para se ter uma visão triunfante das idéias e práticas machistas (mesmo que mal dissimuladas) de um ativista marxista nicaraguenho, ver Omar Cabezas.

27. Bertram Gross define o caso brasileiro como um modelo ainda mais sério que o de outros países latino-americanos. Similar ao de países pobres e poderosos como a Índia, a ditadura brasileira é denominada “fascismo dependente,” por causa de dois fatores primordiais: brutalidade e inter-relação com o grande capital do Primeiro Mundo (39).

28. A obra de Gabeira insere-se num panorama histórico de profícua criação autobiográfica nas décadas de 1960, 70 e 80, em quase todo o mundo, principalmente nas Américas (ver Borim, *Biases and Selves*). Nos Estados Unidos veicula-se o discurso estético e político da contra-cultura e as minorias dão a sua versão das conquistas dos direitos civis. Na América Hispânica surgem centenas de *testimonios*, uma produção estimulada pela premiação cubana para este gênero literário por parte da Casa de las Américas. São centenas de títulos lançados, entre quais as obras de Elena Poniatowska, do México, Omar Cabezas, da Nicarágua, e Aníbal Quijada Cerda, do Chile. Na Argentina é vasta produção ficcional inspirada nas experiências políticas de ativistas de esquerda no exílio e no seu próprio país (ver Foster). No Brasil, a necessidade de revelar os bastidores da ditadura produz ambos os efeitos. Para um estudo sobre o exílio de latino-americanos, ver Haydée Ribeiro Coelho e Maria José Queiroz. Para um contraste entre o memorialismo brasileiro dos anos 80 e aquele dos anos 30, ver a tese de doutoramento *Borders and Selves* e o ensaio “Crepúsculo de machos,” de Borim.

29. Como era de se esperar, os depoimentos de Gabeira provocam tanto uma explícita maledicência de um setor da esquerda intelectual quanto um certo grau de respeito e paixão entre críticos e leitores comuns. Ao permanecerem no topo da lista dos mais vendidos no Brasil por dois anos consecutivos, *O que é isso, companheiro?* e *Crepúsculo de macho* com-

## *Dário Borim*

provam a favorável receptividade das idéias e do estilo do autor que, no início da década de 80, já subira ao status de celebridade nacional. O terceiro volume de suas memórias, *Entradas e bandeiras*, não teria menor sucesso de vendas naquela época. A obra de Gabeira então é objeto de positivas análises acadêmicas, como as de Davi Arrigucci, Leticia Mallard, Vera Follain de Figueiredo, Affonso Romano de Sant'Anna, Silviano Santiago e Dulce Maria Viana. Ao longo dos anos 80, Gabeira também recebe severos ou moderados ataques críticos no âmbito político-ideológico às mãos de uma equipe de irreverentes articulistas e cartunistas do legendário tablóide carioca, o *Pasquim*, e, entre outros, do crítico marxista Robert Krueger. Este argumenta que Gabeira “writes with wit and humour, yet he tends to smother criticism in a satire often burlesque and lampoonish. Gabeira’s is the indiscrete charm of an outraged petty bourgeoisie. [...] Gabeira’s popularity lies precisely in the ideological process by which truly revolutionary ideas (such as armed violence against the system) are depopularized, that is, taken out of context, and away from the working class, and debased, transformed into bourgeois ideology (the heroic individualism and substitutionism of the detached warrior) through the media and transmitted finally as political farce which reenforces [sic] mass cynicism” (178).

30. Para uma rica perspectiva pessoal e política sobre o desenvolvimento do feminismo no Brasil, ver Muraro, especialmente pp. 165-83 e 255-66.

31. Gabeira fez-se ou pretendeu ser candidato a governador do Rio de Janeiro ou a presidente do Brasil, sem sucesso. Entretanto, há mais de uma década ele tem trabalhado como deputado federal. Em 1994 foi eleito pelo Partido Verde, do qual se desligou em 2001, passando então para o Partido dos Trabalhadores. Em outubro de 2003 afastou-se oficialmente do PT por discordar de várias iniciativas de impacto ético, ecológico e econômico do governo Lula (ver os portais:

[www.estadao.com.br/agestado/noticias/2003/out/07/86.htm](http://www.estadao.com.br/agestado/noticias/2003/out/07/86.htm) e  
[www.socialismtoday.org/79/brazil.html](http://www.socialismtoday.org/79/brazil.html)).

Para examinar artigos e discursos de Gabeira, além de outras facetas de sua vida profissional e política, ver os portais:

[www.nucleobancario.hpg.ig.com.br/gabeira.html](http://www.nucleobancario.hpg.ig.com.br/gabeira.html) e  
[www.gabeira.com.br](http://www.gabeira.com.br).

32. Casais homossexuais também já podem declarar e registrar documentos da sua união nos cartórios de alguns estados brasileiros. No Rio Grande do Sul, por exemplo, a decisão foi publicada no *Diário de Justiça* em 3 de março de 2004 (ver Ogliari).

33. Em “O PT acabou,” entrevista realizada por Thaís Oyama, da *Veja*, e inicialmente publicada em 11 de junho de 2005, Gabeira afirma, “nunca houve tanto entusiasmo popular em torno de uma candidatura. Nunca tantas pessoas competentes e interessantes se juntaram para ajudar uma candidatura. Então, eu achava que nós tínhamos um capital humano suficiente para realizar um processo de transformação importante para o Brasil. Só que o que houve foi uma traição” (entrevista reproduzida na íntegra à página de Gabeira:

## *Crepúsculos de Utopias*

<http://www.gabeira.com.br/noticias/noticia.asp?id=841>).

34. Ver a instigante análise de Arenas sobre o futuro das utopias, dentro da literatura crítica, em geral (100-6), e do mundo de expressão portuguesa, em particular (106-25).

### Bibliografia:

Albuquerque, Severino J. *Tentative Transgressions: Homosexuality, AIDS, and the Theater in Brazil*. Madison, WI: University of Wisconsin Press, 2004.

Anderson, Benedict. *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*. Ed rev. e amp. Londres: Verso, 1991.

Arenas, Fernando. *Utopias of Otherness: Nationhood and Subjectivity*. Minnesota, MN: University of Minnesota Press, 2002.

Arrigucci Jr, Davi. “Gabeira em dois tempos.” *Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. 119-41.

---. “Literatura, exílio e utopia.” *Leia Livros* agosto-setembro 1983: s.p.

Bellotto, Manoel Lelo, e Anna Maria Martinez Corrêa (eds). *Bolívar*. São Paulo: Ática, 1983.

Blanco, Juan Antonio. “Cuba: Utopia and Reality 30 Years Later.” In *The Cuban Revolution into the 1990s*. Centro de Estudios Sobre América. Boulder, CO: Westview Press, 1992. 17-30.

Borim, Dário. *Borders and Selves: Contemporary Autobiography of Brazil and the Americas*. Ann Arbor, MI: Bell & Howell (UMI), 1997.

---. “Crepúsculo de machos: nostalgia e devassa em dois booms autobiográficos.” *Perplexidades: raça, sexo e outras questões sociopolíticas no discurso cultural brasileiro*. Niterói, RJ: EdUFF, 2004. 87-116.

---. “Fernando Gabeira.” *Latin American Writers on Gay and Lesbian Themes: A Biocritical Sourcebook*. David W. Foster (ed.). Westport, CT: Greenwood, 1994. 160-5.

Burton, Julianne. “Don (Juanito) Duck and the Imperial-Patriarchal Unconscious: Disney Studios, the Good Neighbor Policy, and the Packaging of Latin America.”

*Nationalisms and Sexualities*. Andrew Parker et al (eds). Nova York: Routledge: 1992. 21-41.

Cabezas, Omar. *La montaña es algo más que una imensa estepa verde*. México: Siglo XXI, 1982.

Caldeira, Jorge et al. *Viagem pela história do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

Capelato, Maria Helena. “O ‘gigante brasileiro’ na América Latina: ser ou não ser latino-americano.” *Viagem incompleta: a experiência brasileira (1500-2000): a grande transação*. Carlos Guilherme Mota (ed.). São Paulo: SENAC, 2000. 285-316.

Cardoso, Fernando Henrique e Enzo Faletto. *Dependency and Development in Latin America*. Trad. Marjory Mattingly Urquidi. Berkeley/Los Angeles/Londres: University of California Press, 1979.

Castañeda, Jorge G. *Utopia Unarmed: The Latin American Left after the Cold War*. Nova York: Knopf, 1993.

Coelho, Haydée Ribeiro. “Exílio: Brasil, Cuba e Canadá.” *Poéticas da diversidade*. Marli Fantini Scarpelli e Eduardo de Assis Duarte (eds). Belo Horizonte, MG: UFMG/ FALE, 2002. 62-74.

Daniel, Herbert. *Meu corpo daria um romance*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

---. *Passagem par o próximo sonho*. Rio de Janeiro: Codecri, 1982.

Dreifuss, René. *1964: A Conquista do Estado*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1982.

Eagleton, Terry. “Just My Imagination.” Resenha de *Picture Imperfect: Utopian Thought for an Anti-Utopian Age*, by Russell Jacoby. *The Nation* 13 June 2005: 20-24.

Figueiredo, Vera Follain de. “Nos trilhos da memória (uma leitura da obra de Gabeira).” *O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira* 6 (Memorialismo e Autobiografia). Ana Maria de Almeida e Wander Melo Miranda (eds). (julho 1988): 263-274.

Foster, David W. “Narrativa testimonial argentina durante los años de proceso.” *Testimonio y literatura*. René Jara e Hernán Vidal (eds). Minneapolis, MN: Institute for the Study of Ideologies and Literature, 1986. 138-54.

## *Crepúsculos de Utopias*

Fox, Geoffrey. "The Mermaids and Other Fetishes: Images of Latin America." *Translating Latin America: Culture as Text*. Julio Rodriguez-Luis e William Luis (eds). *Translation Perspectives VI* (1991): 135-144.

Fraga, Plínio. "Gabeira revê 79 e ataca 'sonho burguês' do PT." *Folha de São Paulo* 22 agosto 2004: s.p.

Franconi, Rodolfo. "Analyzing an Oblique Gaze in Literature: The Way Brazil and Hispanic America Perceive Each Other." Série de palestras na Universidade de Massachusetts Dartmouth, Brazil's Cultural History: New Trends in Representation and Interpretation. North Dartmouth, 29 de outubro, 2004.

Freire, Paulo. *Pedagogy of Indignation*. Prefácio Donald Macedo. Boulder, CO/Londres: Paradigm Publishers, 2004.

Freyre, Gilberto. *Casa-grande e senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

Gabeira, Fernando. *Carta sobre a Anistia: a entrevista do Pasquim, conversaço sobre 1968*. Rio de Janeiro: Codecri, 1978.

---. *O crepúsculo do macho*. Rio de Janeiro: Codecri, 1980.

---. *Diário da crise*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

---. *Diário da salvação do mundo*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987.

---. *Entradas e bandeiras: Depoimento*. 1980. 4a. ed. Rio de Janeiro: Codecri, 1981.

---. *Goiânia, rua 157: o nuclear na terra do sol*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

---. *O hóspede da utopia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

---. *O que é isso, companheiro?* 1979. 29a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

---. *Nós que amávamos tanto a revolução: Diálogo Gabeira-Cohn Bendit*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

---. *Partido Verde: Propostas de ecologia política*. Rio de Janeiro: Anima, 1986.

---. *Sinais de vida no planeta Minas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

---. *Vida alternativa: uma revolução do dia-a-dia*. Porto Alegre: L & PM, 1986.

Galeano, Eduardo. *Las venas abiertas de América Latina*. 1971. México: Siglo Veintiuno Editores, 1979.

Gross, Bertram. *Friendly Fascism: The New Face of Power in America*. Boston: South End Press, 1980.

Hobsbawm, Eric J. *The Age of Extremes: A History of the World, 1914-1991*. Nova York: Vintage Books, 1996.

Jacoby, Russell. *The End of Utopia: Politics and Culture in an Age of Apathy*. Nova York: Basic Books, 1999.

Johnson, Randal. "Departing from *Central Station*: Notes on the Reemergence of Brazilian Cinema." 18 nov 2004. <[http://www.brasilemb.org/profile\\_brazil/brasil\\_ejournal\\_randal.shtml](http://www.brasilemb.org/profile_brazil/brasil_ejournal_randal.shtml)>.

Krueger, Robert. "Abertura/Apertura: A Political Review of Recent Brazilian Writings." *The Discourse of Power: Culture, Hegemony and the Authoritarian State in Latin America*. Neil Larsen (ed.). Minneapolis: Inst. for Study of Ideologies & Literature, 1983. 172-93.

LaFeber, Walter. *Inevitable Revolutions: The United States in Central America*. Nova York/Londres: Norton, 1984.

Levitas, Ruth. *The Concept of Utopia*. Syracuse, NY: Syracuse UP, 1990.

Lockhart, James e Stuart Schwartz. *Early Latin America: A History of Colonial Spanish America and Brazil*. Nova York: University of Cambridge Press, 1983.

Loubere, Leo. *Utopian Socialism: Its History Since 1800*. Cambridge, MA: Schenkman, 1974.

Malard, Letícia. "Análise contrastiva de *O que é isso, companheiro?*, de Fernando Gabeira, e *Reflexos do Baile*, de Antônio Callado." *O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira* s.n. (1982): 75-120.

Maxwell, Kenneth. *Naked Tropics: Essays on Empire and Other Rogues*. Nova York: Routledge, 2003.

Miller, Timothy. *The Quest for Utopia in Twentieth-Century America (Volume I: 1900-1960)*. Syracuse, NY: Syracuse UP, 1998.

## *Crepúsculos de Utopias*

Morgan, Arthur E. *Nowhere Was Somewhere: How History Makes Utopias and How Utopias Make History*. Westport, CT: Greenwood Press, 1976.

Muraro, Rosie Marie. *Memórias de uma mulher impossível*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2000.

Peloso, Silvano. *O canto e a memória: história e utopia no popular brasileiro*. Trad. Sonia Netto Salomão. São Paulo: Ática, 1996.

Poniatowska, Elena. *La noche em Tlatelolco*. México: Era, 1971.

Prado Júnior, Caio. *Formação do Brasil contemporâneo*. 1942. São Paulo: Brasiliense, 1983.

Prado, Maria Lígia Coelho. “Davi e Golias: as relações entre Brasil e Estados Unidos no século XX.” *Viagem incompleta: a experiência brasileira (1500-2000): a grande transação*. Org. Carlos Guilherme Mota. São Paulo: SENAC, 2000. 319-47.

Proença, Ivan Cavalcanti. *O golpe militar e civil de 64: 40 anos depois*. Rio de Janeiro: Oficina do Livro, 2004.

Queiroz, Maria José. *Os males da ausência, ou a literatura do exílio*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

Quijada Cerda, Anibal. *Cerco de puas*. Havana: Casa de las Américas, 1977.

Ribeiro Júnior, José. *Brasil em perspectiva*. Org. e introd. Carlos Guilherme Mota. São Paulo: Difel, 1984. 146-61.

Santiago, Silviano. “Alegria e poder.” *Nas malhas das letras: Ensaio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. 11-23.

---. “Pizza, tevê e utopia.” *Leia* (nov. 1981): 13.

Sant’Anna, Affonso Romano de. “É isso aí, companheiro.” *Política e paixão*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

Spielmann, Ellen. “Intelectuales brasileños 1969-1997. El caso Fernando Gabeira: O que é isso companheiro?” *Nuevas perspectivas desde/sobre América Latina: El desafío de los estudios culturales*. Mabel Moraña (ed.). Pittsburgh, PA: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana, University of Pittsburgh, 2002. 411-8.

Skidmore, Thomas E. *Brazil: Five Centuries of Change*. Oxford: Oxford UP, 1999.

*Dário Borim*

Stepan, Nancy Leys. “*The Hour of Eugenics*”: *Race, Gender, and Nation in Latin America*. Ithaca, NY: Cornell UP, 1996.

Vasconcelos, José. *La raza cósmica: Mision de la raza iberoamericana/Notas de viaje a la America del Sur*. Barcelona: Agencia Mundial de Librería, 1926.

Viana, Dulce Maria. “O narcisismo da memória.” *ULULA: Graduate Studies in Romance Languages* 1 (1984): 73-80.

Vidal, Manuel Limonta, and Guillermo Padrón. “Medical Applications of High Technology in Cuba.” Trad. Margaret Gilpin. In *The Cuban Revolution into the 1990s*. Centro de Estudios Sobre América. Boulder, CO: Westview Press, 1992. 163-73.

Zinn, Howard. *The Twentieth Century, a People’s History* [Ed. reduzida de *A People’s History of the United States*]. Nova York: Harper & Row, 1984.